

ABC do continente africano

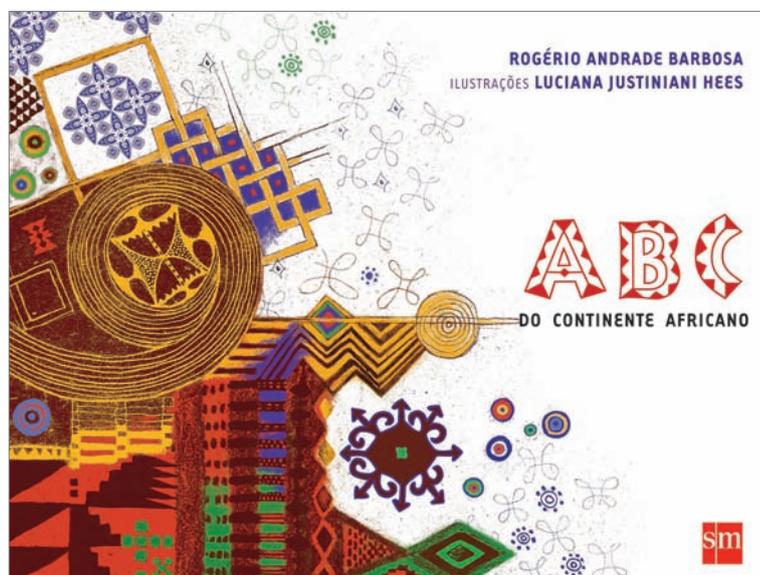


Rogério Andrade Barbosa

Ilustrações Luciana Justiniani Hees

Temas Cultura africana; Diversidade cultural; Tolerância

GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



48 páginas



O AUTOR Rogério Andrade Barbosa é escritor, professor e ex-voluntário das Nações Unidas em Guiné-Bissau, na África. Já escreveu inúmeros livros para crianças e jovens, muitos deles premiados. Foi indicado para a lista de honra do International Board on Books for Young People (IBBY) em 2002 e, em 2005, recebeu o prêmio da Academia Brasileira de Letras de Literatura Infanto-juvenil.

A ILUSTRADORA Luciana Justiniani Hees é designer gráfica e ilustradora. Carioca, viveu no nordeste e norte do país durante a infância e parte da adolescência. Hoje ela mora em Moçambique, onde trabalha em uma agência de publicidade. Para ilustrar esse livro, além de desenhos e texturas variadas, Luciana se inspirou na capulana, o nome moçambicano de um tecido tradicionalmente usado pelas mulheres africanas.

A HISTÓRIA DO LIVRO

RELEVÂNCIA DO TEMA E ORGANIZAÇÃO DOS VERBETES

Cada vez mais se discute no Brasil a importância da África nos diferentes aspectos da religião, da cultura e da culinária brasileiras, mas, no geral, pouco se sabe sobre a história dos povos que trouxeram para cá essas “influências”. Isso porque, durante muito tempo, os africanos foram vistos como povos sem história ou, quando muito, povos que somente a conheceram ao entrar em contato com os europeus. O *ABC do continente africano* é destinado a introduzir as particularidades da África e contar um pouco sobre as sociedades de onde vieram os africanos que ajudaram a formar a nossa sociedade.

O livro tem como finalidade rever muitas das numerosas imagens estereotipadas que geralmente são associadas ao continente e a seus povos. Nele mostra-se, por exemplo, que a história da África não começou com a chegada dos europeus. Ao contrário, ela é quase tão antiga quanto a do homem, pois, segundo teorias já bem conhecidas, foi aí que ele nasceu e onde se deu a domesticação das plantas e dos



2008996274978

animais essenciais para a evolução da humanidade. Além disso, sua história é vigorosa: já na Antigüidade a África abrigou importantes civilizações, na Etiópia e no Egito, geralmente associadas não à história do mundo africano, mas à do Ocidente. Além destes, outros reinos mais recentes, como os de Benin e Ifé, desenvolveram-se na região da atual Nigéria e ficaram conhecidos pelas esculturas em terracota e metal que hoje enfeitam os principais museus europeus.

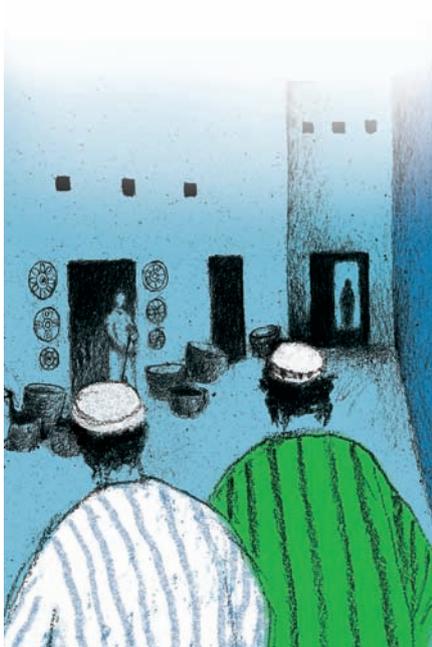
Organizados em ordem alfabética, os verbetes que formam o *ABC do continente africano* buscam familiarizar as crianças com o mundo dos africanos e dizem respeito a múltiplos aspectos de um ambiente complexo: apresentam os elementos geográficos mais característicos do continente, introduzem seus povos, alguns com nomes pouco familiares, e os mostram dançando, cantando e tocando com seus instrumentos ou sentados em torno dos contadores de histórias. Tratam de aspectos da história dessas sociedades e de figuras que lhes são singulares, como os griôs.

Neste guia vamos falar um pouco da história e da geografia da África para contextualizar o trabalho com a obra.

FATORES GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS DO CONTINENTE AFRICANO

AS ZONAS GEOGRÁFICAS DA ÁFRICA

Geograficamente é possível falar em três grandes regiões. A primeira é a dos desertos, compreendida pelo Saara, o maior deserto do mundo, que cruza a África de leste a oeste, e pelo Kalahari, no sul do continente. A segunda, a região das savanas, é marcada por clima semi-árido, vegetação esparsa e presença de grandes descampados. E, finalmente, as áreas das florestas localizadas na zona tropical, cortada pelo equador. Por serem unidades ecológicas distintas, cada uma delas apresenta flora e fauna particulares. Nas savanas encontramos as manadas de grandes mamíferos, como os elefantes, as girafas, os tigres e os rinocerontes, o cultivo de tâmaras, de oliveiras e a presença de enormes árvores denominadas baobás. As zonas das florestas, em que aparecem animais menores e que são ricas em aves de diferentes espécies, produzem gêneros alimentícios como a pimenta, a noz-de-cola e os derivados extraídos das palmeiras. Finalmente, nos desertos, além dos oásis (ilhas verdes no meio de suas areias) e das salinas, de onde se retira o sal, trafegam grandes caravanas



de camelos conduzidas por povos nômades como os tuaregues, chamados de homens azuis, por conta das vestes que usam para se proteger das grandes variações de temperatura que ocorrem entre os dias e as noites.

OS GRANDES RIOS E AS CIVILIZAÇÕES

Um elemento fundamental na organização dos povos africanos foram os seus grandes rios, em torno dos quais se desenvolveram algumas das civilizações mais importantes da história do continente.

Nas margens férteis do rio Nilo floresceram as dinastias dos faraós egípcios, em cerca de 3000 antes da era de Cristo. Ao longo do rio Níger (outro grande rio africano), formaram-se os reinos conhecidos como sudaneses, entre os séculos XII e XVI. Na parte mais ocidental do rio existiram o reino de Gana (conhecido como “terra do ouro”), o de Mali, o de Songai e, junto a eles, as cidades de Timbuctu (ou Tombuctu), Gaô e Jené; um pouco mais a leste, chegando à área das florestas, surgiram os Estados haussás, iorubás e o reino e a cidade de Benin. Outro grande rio, o Congo ou Zaire, localiza-se na África Centro-Occidental, traçando aí um longo percurso desde o litoral até o coração da África, e alimentou os reinos do Congo e de Luango, entre outros. Já na costa oriental, na atual região de Moçambique, em torno do rio Zambeze e de seus afluentes desenvolveu-se o império do Monomotapa, rico em minas de ouro no final do século XV, quando os portugueses chegaram ao local.

Os grandes rios serviram também de elo entre as diferentes regiões da África, promovendo e facilitando relações comerciais e trocas de produtos.



AS CIDADES E O COMÉRCIO

Muitas das cidades africanas tiveram sua origem em tempos remotos e a urbanização se deu de forma precoce na África do Norte e na Ocidental. Edificadas na zona das savanas, muito próximas ao deserto, as construções das cidades sudanesas eram feitas, na maioria, de barro, com pouco revestimento em razão da parcimônia de chuvas, o que lhes dava uma feição muito própria. Gao, a capital do reino de Gana, era dividida em duas partes. Uma delas constituía um grande bairro destinado aos habitantes originais da cidade (os soninquês), que moravam em casas redondas feitas de adobe e cobertas de palha; nessa zona da cidade localizava-se também o palácio real. A outra parte era destinada aos mercadores, geralmente vindos de fora, com suas casas de pedra, e onde ficavam as edificações religiosas dos muçulmanos, as mesquitas. Timbuctu, também construída sob a influência dos árabes e da islamização (processo de adoção da religião e cultura árabes a partir do século XI), ficou famosa por abrigar mesquitas importantes, como a de Sankoré, construída por um arquiteto proveniente da Andaluzia e que se transformou em um dos principais centros de estudos islâmicos.

Embora, em muitas dessas regiões, homens e mulheres continuassem a se dedicar à agricultura e ao pastoreio, o que animou a maioria das cidades foram as atividades comerciais e as rotas de longa distância que, saindo do interior do continente, ligavam as sociedades africanas ao mundo do oceano Atlântico, do Índico e do mar Mediterrâneo. Outras rotas atravessavam o deserto do Saara e conectavam os mercados ao norte do continente com as feiras e cidades ao sul do deserto, chamada África Subsaariana.



O COMÉRCIO TRANSAARIANO E AS CARAVANAS DO DESERTO

Na África Ocidental, nem mesmo a imensidão do Saara e as condições inóspitas impediram a travessia feita por caravanas de camelos. O camelo foi introduzido na África logo no primeiro milênio de nossa era. Muito resistente e capaz de passar dias sem se alimentar e sem beber água, foi o único animal que viabilizou o contato entre uma margem e outra do Saara. As enormes caravanas de camelos conduzidas pelos povos do deserto vinham carregadas de sal, marfim, ouro, pimenta, artigos que eram trocados por manufaturados, comercializados nos mercados do Norte, às margens do Mediterrâneo, como a cidade de Fez, no Marrocos.

Entre os produtos preferidos desse comércio havia também vários tipos de tecidos, brocados, sedas, trazidos pelos mercadores da Índia, da Arábia, do Extremo Oriente ou de regiões manufatureiras do norte da Europa (Flandres, por exemplo). Várias sociedades africanas produziam suas fazendas com ráfia ou com fibras de palmeiras ou de algodão e depois as coloriam com índigo, a mesma substância usada no tingimento das calças jeans de hoje em dia.

As rotas do deserto eram percorridas desde a época do mundo antigo, mas cresceram principalmente quando a região norte, do Egito ao Marrocos, foi ocupada pelos povos árabes em expansão a partir do século VIII. No seu fluxo norte-sul, o comércio transaariano animou o mundo sudanês e trouxe junto a influência da religião islâmica e da cultura árabe para essa região. No sentido contrário (sul-norte), dizem os historiadores que foi o ouro africano retirado das minas de Gana (na região conhecida pelos europeus como Costa do Ouro) e do Senegal que alimentou o mundo medieval, antes da descoberta das ricas jazidas de prata e de ouro das Américas.

Os fatos que descrevemos vinham ocorrendo aproximadamente na mesma época em que os europeus, sobretudo os portugueses, chegaram às costas atlântica e índica da África, navegando em busca do caminho que os levaria às Índias. Vieram possivelmente atrás das riquezas das sociedades africanas, sobre as quais tinham informações por causa do comércio e por meio dos relatos dos escritores árabes. As relações comerciais com a África ajudaram a financiar os empreendimentos ultramarinos e a expansão da Europa.



AS ETNIAS, AS LÍNGUAS E AS RELIGIÕES AFRICANAS

Junto à África do comércio, dos reinos islamizados e das populações que enriqueceram com o ouro e depois com os escravos, existiu uma África tradicional, com formas características de organização. O continente é formado por diferentes povos, chamados também de etnias, organizados em torno de línguas que na África contam-se aos milhares. Além dos vários grupos lingüísticos, há sociedades nômade, como os bosquímanos ou pigmeus, e grupos de pastores que acompanham suas manadas ou as caravanas, como os tuaregues e os fulanis na África Ocidental, que viviam sob tendas armadas nos oásis dos desertos. Alguns povos se organizaram em torno das linhagens femininas e outros das masculinas, chamados por isso de sociedades matriarcais e patriarcais. Em todas elas, homens e mulheres, considerados em idade ativa a partir dos 10 anos, distribuíam-se em grupos etários nos quais ingressavam por meio de ritos de iniciação e onde recebiam a instrução sobre as regras, as leis e os costumes da sociedade.

Politicamente, algumas sociedades conheceram um poder centralizado, com chefes militares, reis ou mesmo imperadores e faraós. Em outros grupos, o mando apresentou-se de forma descentralizada, como ocorreu entre os ibos e entre os bijagós, da África Ocidental, que eram governados por conselhos de anciãos e por assembléias dos chefes das grandes famílias. Alguns grupos viveram em cidades e tiveram no comércio sua principal atividade; outras etnias mantiveram-se em aldeias, em torno do cultivo de plantas ou da criação de animais. Alguns povos se converteram ao islamismo e ao cristianismo, esse disseminado por missionários europeus; outros continuam a professar suas religiões tradicionais, cultuando os elementos da natureza e os antepassados.

Apesar de todas as diferenças, pode-se dizer que os africanos, sobretudo na época que antecedeu o domínio colonial (ou o processo de ocidentalização), compartilhavam traços em comum. Quase todas as sociedades tinham, na base da organização social, famílias extensas, os clãs, compostos por parentelas ligadas a um mesmo antepassado. Viviam em moradias conjuntas, construções circulares muradas, que os ingleses, na época do domínio colonial, chamaram de *compounds*.

A maior parte das sociedades africanas desconheceu a escrita até a época da colonização. Sociedades ágrafas ou baseadas na oralidade, a palavra no mundo africano teve, e tem até hoje,



importância fundamental. As histórias dos grupos são passadas oralmente, de geração a geração, pelos griôs, homens responsáveis por sua memorização e transmissão. Parte dos relatos conta a história dos heróis fundadores e dos processos de fixação, depois do nomadismo ou da tentativa de escapar das expedições escravizantes que tomaram conta do continente, sobretudo a partir do final do século XVII. A importância da palavra e seu uso figurado podem ser notados nos provérbios utilizados tanto nas relações costumeiras e na educação das crianças quanto nos julgamentos judiciais, com a finalidade de fixar a lembrança das normas que governam as comunidades.

Com a sedentarização vieram a agricultura e a troca de produtos nos mercados locais. Os principais gêneros dos cultivos tradicionais africanos são o inhame, o arroz, o milho, a mandioca e a batata-doce, os três últimos trazidos das Américas pelos portugueses há muito tempo. Em muitas aldeias, as plantações de inhame são uma prerrogativa exclusivamente masculina, e as demais, atribuições das mulheres. O comércio é feito semanalmente em locais predeterminados, segundo os dias da semana, ou os “dias de feira”, como ocorre também nos domínios e na língua portugueses. As mulheres sempre foram figuras importantes na comercialização de produtos alimentares e de quitutes que vendiam nos chamados tabuleiros. Essa foi a origem das quitandeiras ou negras de tabuleiro tão freqüentes na história do Brasil colonial e imperial.

UM POUCO MAIS DA HISTÓRIA AFRICANA: AS FASES HISTÓRICAS E O PERÍODO COLONIAL

A história das sociedades africanas pode ser dividida em épocas históricas, cada uma delas com características próprias.

A primeira, antes da chegada dos europeus e até pelo menos a segunda metade do século XIX, foi a fase da África pré-colonial, na qual se desenvolveram os reinos e os impérios africanos e quando as relações entre europeus e africanos foram relativamente equilibradas e marcadas pelo comércio. Nessa época, principalmente após a “descoberta” e a colonização das Américas, expandiu-se o comércio atlântico de escravos, que transferiu cerca de 12 milhões de africanos para as sociedades americanas, entre o século XVI e a primeira metade do século XIX (lembrando que o Brasil foi o último país das Américas a abolir o tráfico de africanos, em 1850).

Depois disso veio a época do colonialismo, de domínio direto europeu na África, que se iniciou com a partilha dos territórios

africanos pelas principais nações europeias – Inglaterra, França, Bélgica, Portugal, Alemanha – no Congresso de Berlim, que reuniu os líderes desses países.

A conquista colonial da África decorreu da competitividade entre as nações europeias e de sua enorme ambição. Por meio do domínio direto, os europeus almejavam conquistar zonas fornecedoras de matérias-primas para fazer funcionar suas indústrias metropolitanas. Queriam também mercados consumidores que comprassem seus produtos. A corrida pela conquista da África deu-se, sobretudo, depois que foram descobertas grandes reservas de minerais, principalmente no território da atual África do Sul. Nessa região, ficaram famosas as minas de ouro e de diamante que fizeram a riqueza e a supremacia dos brancos estabelecidos na capital, Soweto, e fortalecidos pelo violento regime de segregação racial conhecido como *apartheid*, que separou por lei brancos e negros até muito recentemente.

Com relação aos produtos cobiçados pelos colonialistas europeus, podemos destacar a noz-de-cola, de onde se retira um dos componentes especiais de refrigerantes bastante conhecidos. Além dela, havia os óleos extraídos de produtos como o amendoim, para a indústria alimentícia e de cosméticos, e também de determinadas palmeiras, como o azeite-de-dendê, muito consumido no Nordeste brasileiro. A época colonial foi igualmente marcada pelo crescimento da procura por produtos de origem animal como o marfim – arrancado das presas dos elefantes e com o qual os ocidentais fabricavam pentes, adornos, talheres e, principalmente, teclas dos pianos que invadiram todas as casas burguesas – ou vegetal como a borracha, extraída principalmente das florestas do Congo. Nos dias de hoje há interesse pelas grandes reservas de petróleo, em países pobres como Angola ou na conturbada Nigéria, em guerra civil há longo tempo.

Costuma-se dizer que uma das razões dos problemas que hoje se abatem sobre o continente e da exploração na época do colonialismo foi exatamente sua enorme riqueza.



A ÁFRICA NA DESCOLONIZAÇÃO E A CRIAÇÃO DO MAPA POLÍTICO MODERNO DO CONTINENTE

Apesar de ter sido implantado rapidamente na África, o colonialismo começou a se enfraquecer depois que os países da Europa entraram na Segunda Guerra Mundial. Na década de 1960 iniciaram-se movimentos de independência na maioria das colônias. Em algumas regiões, isso ocorreu mais tarde, como nas colônias de Portugal (Angola, Moçambique e Guiné), que se tornaram independentes depois de uma prolongada guerra, nos anos 1970. Nessas lutas surgiram grandes líderes africanos, como os mencionados no livro. E nasceram as modernas nações africanas, com fronteiras que seguem o desenho dado pelo colonialismo. Assim, parte das motivações das lutas civis que hoje em dia acontecem entre etnias rivais veio exatamente dessas divisões colocadas artificialmente pelo poder colonial e, em alguns sentidos, estimuladas pelos colonialistas, pois estes consideravam mais fácil governar povos divididos.

ATIVIDADES EM SALA DE AULA

Inicialmente, antes da leitura do livro, é interessante que o professor faça uma espécie de inventário das imagens que os alunos têm desse continente. “Quando se fala em África, o que vem à cabeça?” As respostas provavelmente serão em torno dos grandes animais e de caçadas, de aventuras, de guerras, da pobreza extrema, de doença, da fome, de homens e mulheres que vivem em tribos e em aldeias. Esse conjunto de idéias estereotipadas poderá ser confrontado com o que aprenderam, olhando a África de outra maneira.

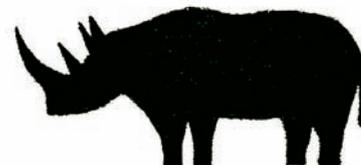
Após a leitura, várias atividades podem ser propostas.

1. Para situar melhor os eventos históricos e entender a diversidade africana, é importante fazer uma linha do tempo e localizar as informações obtidas com a leitura do livro e com outras complementadas pelo professor ou pesquisadas pelo aluno.

2. Para proporcionar maior familiaridade com o espaço africano, recomenda-se um trabalho com mapas.

a) Um dos mais significativos é o das regiões geográficas, em que estão demarcados com bastante clareza as savanas, os desertos e as florestas tropicais. A partir dele, é possível estabelecer conexões entre o cenário físico e as atividades econômicas.

b) É também interessante localizar fisicamente os grandes rios: Nilo, Níger, Senegal, Gâmbia, Congo, Zambeze.



O professor pode acrescentar um fato curioso a respeito do conhecimento geográfico que os europeus tinham antes do século XIX: a idéia de que o curso do Níger (conhecido como o Nilo dos Negros) ia de oeste a leste até se encontrar com o Nilo. A verdadeira trajetória do rio, em sua abrupta “virada” em direção ao golfo da Guiné, somente foi conhecida com os expedicionários europeus do século XIX. Para estimular o interesse dos alunos, seria interessante confrontar mapas antigos com atuais para verificar a diferença.

3. A multiplicidade das línguas africanas é um dado importante para mostrar a diversidade dos povos, contra a idéia de uma África única. Mas não se deve exagerar; é possível falar em agrupamentos feitos por afinidades lingüísticas ou culturais, capazes de agregar os grupos entre si, principalmente em condições adversas. Existem, por exemplo, a unidade banto e a unidade ioruba. Essas junções são importantes para entender a história dos africanos nas Américas e no Brasil.

a) Para isso, pode-se propor uma pesquisa em grupo e distribuir algumas perguntas que servirão como ponto de partida: quais grupos de africanos apareceram durante a história colonial e imperial do Brasil? Onde se localizaram de forma mais concentrada no país? Durante a pesquisa, o professor pode pedir que encontrem informações que associem esses grupos a manifestações religiosas e a festas populares que existem até hoje, como os terreiros de candomblé e as congadas.

b) Em relação às línguas africanas e o Brasil, é interessante tentar montar uma lista da participação delas no português falado no país, sobretudo a influência de termos das línguas quimbundo e quicongo (faladas na região do Congo e de Angola). Essa lista revelará quanto isso é usual e corriqueiro. Além dos mencionados abaixo, outros exemplos podem ser encontrados em dicionários, sobretudo nos especializados. É interessante estabelecer algumas conexões, como termos relacionados a:

- **desordens e festas:** bafafá, banzé, fuzuê (todos sinônimos de bagunça, confusão), cachaça, fofoca, forró (baile);
- **repressão:** bamba (valentão), camburão (carro onde se transportam presos), cangaço, meganha (policial);
- **afetividade e mundo infantil:** babá (ama-seca), caçula, cafuné, moleque, xodó (querido);
- **doenças:** calombo, capenga, caxumba;
- **comidas:** angu, canjica, caruru, vatapá;
- **danças e sons:** batucar, marimba.



4. Conversar com os alunos sobre a presença de matérias-primas que vieram da África e que eles podem identificar em vários produtos industrializados, ou em outros que são importantes para o mundo contemporâneo, ajuda a entender a ambição dos países capitalistas em relação à África.

a) Localizar no mapa as zonas de produção de petróleo (Nigéria e Angola), de extração de diamantes (África do Sul) e de borracha (Congo).

b) O professor pode também destacar os objetos de marfim, como pentes, teclas de piano, talheres, esculturas etc.

c) Identificar a presença de produtos africanos em artigos que fazem parte do nosso dia-a-dia: no rótulo de refrigerantes como a Coca-Cola consta “água gaseificada, cafeína, extrato de noz-de-cola, corante caramelo IV, acidulante” etc.

5. Como decorrência da atividade anterior, pode-se sugerir uma pesquisa para descobrir o que é a noz-de-cola, qual a sua importância e como ela é consumida na África. A noz-de-cola costuma, por exemplo, ser oferecida a visitantes, mascada para aliviar fome e sede, usada nas caravanas do deserto como estimulante, principalmente pelos africanos muçulmanos diante da proibição de ingestão de bebidas alcoólicas.

6. Uma visita ao Museu Afro Brasil, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, é recomendável, pois os alunos terão maior contato com a arte africana e com expressões artísticas dos africanos no Brasil. Na impossibilidade dessa visita, o museu mantém um *site* onde é possível conhecer um pouco melhor a cultura africana; este e demais *sites* podem também ser usados como fonte de pesquisa:

- Museu Afro Brasil: www.museuafrobrasil.com.br
- Casa das Áfricas: www.casadasafricas.org.br



- Fundação Pierre Verger: www.pierreverger.org.br
- Programa Mojubá: www.acordacultura.org.br

7. Por fim, há filmes interessantes com os quais é possível trabalhar as imagens produzidas pelo Ocidente:

a) *O Fantasma*, direção de Simon Wincer, EUA, 1996 (ou os próprios gibis com as histórias criadas por Lee Falker). As histórias do Fantasma, sua relação com o mundo africano e com os povos pigmeus são ótimo conteúdo para trabalhar as imagens estereotipadas que o homem ocidental tem sobre a África. Detalhar: a origem do personagem (do primeiro Fantasma) e as várias gerações; onde moram (a caverna secreta); seus principais companheiros (um cachorro-lobo e um cavalo); o juramento feito pelo Fantasma para proteger os “povos ingênuos” (pigmeus). Em relação a estes, é possível trabalhar a história dos pigmeus, africanos que precederam os bantos da África Central, de pequena estatura, nômades e que vivem da caça e da pesca.

b) *Lugar nenhum na África*, direção de Caroline Link, Alemanha, 2001. O filme mostra a amizade entre uma criança européia, filha de colonos recém-chegados, e os serviçais africanos. Fala sobre os africanos, a facilidade com que a criança aprende a língua e a amizade que os une.

SUGESTÕES DE LEITURA

INFANTO-JUVENIL

- ASARE, Meshack. *O chamado de Sosu*. São Paulo: Edições SM, coleção Cantos do Mundo, 2005.
- BADOE, Adwoa. *Histórias de Ananse*. São Paulo: Edições SM, coleção Cantos do Mundo, 2006.
- CASTANHA, Marilda. *O mapa*. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.
- CHAMBERLIN, Mary e Rich. *As panquecas de Mama Panya*. São Paulo: Edições SM, coleção Cantos do Mundo, 2005.
- COSTA E SILVA, Alberto da. *Um passeio pela África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- CUNHA, Carolina. *Agumon*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- . *Caminhos de Exu*. São Paulo: Edições SM, coleção Barco a Vapor, série Azul, v. 10, 2005.
- . *Eleguá*. São Paulo: Edições SM, coleção Histórias do Okú Láí Láí, 2007.

———. *Yemanjá*. São Paulo: Edições SM, coleção Histórias do Okú Láí Láí, 2007.

MWANGI, Meja. *Mzungu*. São Paulo: Edições SM, coleção Barco a Vapor, série Vermelha, nº 14, 2006.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Oxóssi, o caçador*. Salvador: Corrupio, 1982.

VERGER, Pierre Fatumbi; CARYBÉ. *Lendas africanas dos orixás*. São Paulo: Corrupio, 1983.

ADULTOS E PARA PESQUISA

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2001.

LOPES; Ana Lucia; GALAS, Maria da Betânia. *Uma visita ao Museu Afro Brasil*. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2006.

LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

Mãe Beata de Yemonjá. *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros – como ialorixás e babalorixás passam seus conhecimentos a seus filhos*. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.

MELLO E SOUZA, Marina. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2006.

OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO ABC

FARAH, Paulo. *ABC do mundo árabe*. São Paulo: Edições SM, 2006.

SCLIAR, Moacyr. *ABC do mundo judaico*. São Paulo: Edições SM, 2007.

ELABORAÇÃO DO GUIA CRISTINA WISSENBACH
(PROFESSORA DE HISTÓRIA DA ÁFRICA, USP);
PREPARAÇÃO CLÁUDIA RIBEIRO MESQUITA; REVISÃO
MÁRCIA MENIN E GISLAINE MARIA DA SILVA

